

A Peregrina

Prólogo

É incrível como certas coisas ficam guardadas em nossas memórias. Um passeio no parque, uma visita a algum lugar novo. Na minha memória eu guardo os momentos como fotografias, nítidas e de alta resolução. A imagem congelada da minha mãe olhando pela janela ao mesmo tempo em que lavava a louça em nossa cozinha. Meu pai tentando explicar um problema de matemática usando minhas bonecas. O rosto da diretora da minha escola no ensino médio quando foi me dar a notícia do acidente...

Às vezes até mesmo coisas bobas e insignificantes grudam em sua memória como um carrapato. Alguém desconhecido cruzando a rua, uma velhinha passeando com o cão minúsculo, ou como quando vi um casal em uma praça do outro lado da rua. Ele vinha correndo segurando dois picolés meio derretidos nas mãos, seus olhos focalizados na moça a poucos metros de distância. Ela estava encostada em uma bicicleta cor de rosa e ria descontraída com os esforços do seu amado em não deixar o picolé derreter. Ele a alcançou e ambos riram quando um dos picolés caiu no chão. Foi um riso leve, descontraído que foi imediatamente seguido de um beijo. Uma cena simples, um casal normal, mas que eternamente ficaram gravados na minha memória. Hoje me lembro deles com uma saudade quase de conhecidos, não deles propriamente, mas da sensação, de sorrisos fáceis, alegria gratuita e acima de tudo de... tranquilidade.

Mesmo tendo todas essas lembranças em forma de imagens gravadas em meu cérebro eu não mudaria nada, na verdade uma ou outra coisa, mas nada que alterasse o resultado, faria tudo de novo, mil vezes, cem mil vezes... tudo por um único instante, pela imagem mais preciosa que guardo...minha vida inteira!

Capitulo 1

Abro os olhos desorientada, pisco algumas vezes tentando me situar. Ouço os sons familiares de bipes constantes, passos leves e vozes sussurradas. Sim, já sei exatamente onde estou, sorrio por isso. Sempre tive esse medo sem sentido desde criança, um medo de acordar e simplesmente não saber onde estou. Eu sei que se eu contar isso a um terapeuta ele provavelmente vá me entupir de medicações e me indicar milênios de terapia. Mas sempre foi assim, desde que me entendo por gente. Quando eu era bem pequena e acordava no meio da noite com o quarto todo escuro começava a berrar imediatamente. Minha mãe corria para minha cama me tranquilizando com sua voz doce e paciente... minha mãe!

- Doutora, o paciente do 303 acordou.

Suspirei, o dever me chama e pra falar a verdade... eu amo isso. Pedi dois minutinhos a Jaqueline, a enfermeira que veio me acordar, e fui até o banheiro lavar o rosto. Dei uma olhada no pequeno espelho sobre a pia e levei um susto. Dormir assim no meio dos plantões sobre qualquer superfície levemente confortável não estava fazendo nada bem a minha aparência. Meus cabelos estavam apontando para todos os lados, minha maquiagem borrou todinha em volta dos olhos me deixando com a aparência de um panda demoníaco. Minha nossa! Após me arrumar da melhor forma que consegui usando apenas água e um pente masculino esquecido por ali, saí sem olhar novamente para o meu reflexo.

Paulo era um senhor muito simpático, arrancava gargalhadas das enfermeiras e técnicas a todo o momento, mas a simples menção a palavra “cirurgia" o tirava completamente do sério. Cruzei os braços e aguardei sua enxurrada de blasfêmias terminarem, quando percebi que ele já havia ficado sem repertório para novos xingamentos eu me aproximei.

- Posso falar agora ou o senhor vai jogar um penico em mim?

Ele deu uma olhadinha na direção do objeto em questão, mas para minha sorte estava fora do seu alcance. Ele fechou a cara como uma criança birrenta.

- Seu Paulo, há quanto tempo o senhor frequenta este hospital?
Silêncio...
- Tudo bem eu digo, há cinco anos. Cinco anos que o senhor vem e vai e agora chegamos ao nosso limite. O senhor tem que fazer a cirurgia. Não é uma opção.
Terminei meu veredito com a voz um pouco mais dura o que faz com que ele olhasse pra mim. Vi medo em seus olhos cinzentos pela catarata.
- Doutora Julia... E se...
Ele não termina a frase, eu sei do que ele tem medo, na verdade do que todos que estão neste hospital temem... a morte. Entendo que para um senhor de oitenta anos não deva ser uma boa perspectiva se deixar operar para retirar o enorme tumor que ele carrega em seu estômago. Respirei fundo e toquei sua mão enrugada que agarrava o lençol em pânico.
- O senhor não vai, eu prometo!
Pelo canto do olho vi as duas enfermeiras trocarem olhares entre si, deviam me achar uma maluca por prometer uma coisa dessas, afinal não sou Deus. Mas se tem uma coisa de que tenho plena certeza é na minha capacidade médica. Pisquei um olho para o velhinho amedrontado e sorri.
- O senhor vai ver, quando acordar novamente vai estar tudo bem!
Ele finalmente sorriu de volta e eu soube essa parada eu havia ganhado. Dei uns tapinhas na mão enrugada e me virei para as enfermeiras.
- Marque a sala de cirurgia para amanhã na primeira hora. Preparem-no hoje a partir das 19 horas e o deixe em NPO, por favor.
Elas acenaram e Jaqueline, que era a enfermeira chefe deste andar, anotou tudo em seu palmtop.
Visitei mais três pacientes apenas naquele andar, um adolescente que dera entrada ontem, com apêndice perfurado se recuperava maravilhosamente bem. Tranquilizei sua mãe e voltei em direção à cafeteria, precisava de um litro de café.
- Desde quando você não dorme ju?
Virei na mesma hora que ouvi a voz da minha melhor amiga. Adriana estava com as mãos na cintura me olhando com uma sobrancelha erguida.
- Acabei de acordar!
Dei um gole no liquido preto e escaldante, Adri pegou um pra ela e me puxou para uma das mesas.
- Eu to falando sério Julia, não é legal fazer um plantão atrás do outro. Você

nem rende da mesma forma.
Olhei de cara feia pra ela, o que ela quis dizer com isso?!
- Por que, você ouviu alguma coisa a meu respeito na rádio corredor?
Chamávamos as fofocas que corriam pelo hospital de “rádio corredor", podia se saber da vida de qualquer um, era apenas questão de prestar atenção.
Adriana revirou os olhos teatralmente tomando um gole do seu copinho descartável e fazendo uma careta logo em seguida. Ela despejou dois pacotinhos de açúcar antes de me responder.
- Você sabe que não, eu não conheço uma médica mais competente que você Juju, eu só to falando de dar um tempo, pensar mais em você. Quando foi a última vez que teve um fim de semana inteirinho só pra você?
Pensei por um momento, eu me lembrava muito bem do último fim de semana em que estive de folga. Foi exatamente um dos piores da minha vida.
- Tá legal, não foi boa ideia tocar nesse assunto. Mas fala sério Ju, você nem amava o Tiago.
Olhei indignada para minha amiga, como assim eu não amava o cachorro do Tiago?
- Adriana, eu amava sim aquele idiota, eu tô sofrendo sabia?
Ela me analisou por alguns segundos antes de continuar.
- Não, você não amava.
- Adriana, eu peguei ele com outra, na minha cama, minha. E ele teve a cara de pau de dizer que a culpa era minha.
- É eu sei que deve ser chato e...
- Chato????
Gritei atraindo a atenção de um grupo de enfermeiras em uma mesa no canto. Baixei um pouco a voz e continuei.
- Chato é você planejar ir à praia e chover, pegar o seu namorado, quase noivo, de dois anos na sua cama com a sua vizinha é o fim do mundo.
Adriana largou o copinho sobre a mesa e cruzou as mãos no colo, eu sabia muito bem que quando ela fazia isso vinha sermão. Recostei-me na cadeira resignada.
- É claro que deve ser horrível pegar o namorado com a boca... lá, de outra pessoa mas o que eu quis dizer é que você não amava o Tiago, Julia. Você bateu no cara, o expulsou da sua vida, ok, mas e daí? Você não ficou chorando horas ou teve surtos querendo ir atrás do cara. Você não pensou que a sua vida tinha acabado por não ter mais ele nela. Você seguiu em frente.
- Não é isso que se espera de pessoas adultas e bem resolvidas?
- Não no outro dia Julia!!

Pensei nesse detalhe, realmente eu não fiquei me lamentando por dias, mas e dai, isso não prova que eu não amava o Tiago, só que eu sou... estranha?!
- Tá legal você venceu, como eu vou saber se eu realmente amo o cara, sua sabe tudo?
Adriana sorriu como minha mãe costumava fazer quando queria que eu entendesse algo.
- Se você precisar perguntar se é amor, então é por que não é!
Desde quando minha amiga maluca ficou tão sabia? Comecei a roer a unha do polegar pensativa, então se tudo isso que ela havia dito era verdade, e realmente fazia todo sentido, então... eu nunca havia amado na minha vida. Estou com vinte e cinco anos e nunca amei ninguém de verdade!!
Ouvimos o nome de Adriana ser chamado no auto falante, precisavam dela na pediatria neo Natal. Ela acabou com seu café e jogou o copinho na lixeira.
- Às Seis horas eu saio do meu plantão, esteja pronta e me esperando ou eu vou arrasta-la seja de onde for.
Ela fez uma cara tão ameaçadora que não tive coragem de contradizê-la. Terminei meu café pensativa.
Às Seis horas em ponto já estava arrumada e esperando por Adriana recostada em meu carro, pesquei o celular da bolsa e comecei a conferir meus e-mails. Incrível, a dois do idiota do Tiago. Já que eu não atendi mais seus telefonemas e bloqueei seu numero no Whatsapp ele simplesmente resolveu escrever um e-mail. Deletei-o sem nem ao menos ler, bufando de raiva.
- Credo, vai matar alguém?
Adriana vinha caminhando como se estivesse em uma passarela, como ela conseguia esse feito após horas de plantão? Eu mais parecia algo que fora mastigado e jogado fora. Ela jogou seu cabelo louro escuro sobre o ombro e piscou pra mim.
- Então, vamos pro Sant Marcos?
O Sant Marcos era um barzinho muito agitado, agitado de mais pro meu gosto. As mesas estavam quase todas ocupadas quando chegamos e no bar uma multidão se aglomerava tentando chamar a atenção de um dos quatro barmen.
Conseguimos uma mesa um pouco mais afastada da pista de dança, o que era uma benção, estava quase acreditando na teoria da Adri de que eu havia envelhecido antes do tempo. Minha amiga pediu dois shops e só então comecei a descontrair um pouco. Após a segunda caneca, já estava mais animadinha. Adriana tagarelava sobre seu novo namorado, Marcelo. Ela falava o quanto ele era lindo, cheiroso, fofo e blá, blá, blá.
- Sério Ju, dessa vez é ele... eu sinto.

Aí, aí... quantas vezes eu já havia assistido aquele filme. Adriana conhecia um príncipe e em pouco tempo acabava descobrindo que o cara não passava de um sapo. Esperava que dessa vez ela estivesse certa. Não queria ser obrigada a matar esse tal de Marcelo.
- E nós vamos esse fim de semana.
- Oi... pra onde?
Adriana bufou e chegou mais perto pra que eu a ouvisse em meio a tanto barulho.
- Você não tá prestando atenção, vamos para a fazenda ou sítio, sei lá, da família do Marcelo. Fica o Sul. Você não adora o Sul?
O que tinha a ver se eu gostava ou não o Sul, quem iria pra lá era ela. Então um pensamento me ocorreu.
- Ah não Adri, eu não vou viajar neste fim de semana.
Ela fez uma carranca antes de cruzar os braços.
- Poxa Julia, eu preciso de você, vai ser divertido... essa época do ano o Marcelo disse que está bem frio por lá.
Ah que ótimo, além de tudo ia ter que passar frio. Bebi meu shop de um gole só ficando em pé.
- Aonde você vai?
- Tenho uma cirurgia amanhã cedo... você vem?
Adriana faz cara feia, mas acabou me seguindo. Morávamos juntas há quase três anos, Adriana e eu nos conhecíamos desde o ensino médio. Se não fosse por ela meu mundo todo teria desmoronado de uma vez quando meus pais morreram. Foi pra casa dela e da sua mãe que eu fui quando de repente aos quinze anos me vi sem pais, sem casa, pois estava hipotecada, e sem família. Ela e sua mãe literalmente salvaram minha vida. É, acho que um fim de semana de frio não seria tão mau assim.

****

Quando cheguei ao hospital às seis da manhã, seu Paulo já estava no pré-operatório. Dei uma olhadinha em como ele passou a noite e fui para sala dos médicos me preparar. Reli mais uma vez seu histórico medico e respirei fundo. Eu havia nascido pra isso, eu sabia disso. Eu iria lá e iria garantir que esse velhinho ainda teria muitas histórias pra contar pros netos.
Antes da cirurgia não tinha como saber, mas ao abrir o paciente, constatei se tratar de um tumor ressecável, eu poderia tentar, não, tentar não, eu poderia retirar a totalidade dele. Foi uma cirurgia longa e exaustiva. Foi necessária a retirada de mais de 40% do estômago. Estava quase na finalização para cauterizar quando notei uma hemorragia... merda.
- Hemorragia Julia.

Ricardo, meu colega gastro declarou o óbvio. Ergui os olhos para o monitor, a pressão estava caindo rapidamente e os batimentos subindo cada vez mais. Senti gotas de suor brotar em minha testa que rapidamente foram enxugadas pela assistente.
Notei um tecido gangrenado um pouco mais internamente e tratei de retira-lo, Ricardo me encarou por cima da mascara cirúrgica.
- Julia, a pressão está caindo...
- Eu sei.
- Ele pode não resistir, é melhor cauterizar logo.
- Eu sei... estou quase lá.
Consegui remover completamente o tecido gangrenado e tratei de cauterizar a incisão, após drenar com varias compressas, fiquei analisando o monitor apertando firmemente sobre a área da cirurgia.
Com um suspiro coletivo, vimos os números subirem e o paciente estabilizar. Entreguei os pontos para serem feitos pela auxiliar e me encaminhei para sala contigua. Retirei minhas luvas e abri a torneira.
- Muito bem lá dentro, Julia.
Apenas sorri amarelo pra ele, Ricardo era muito arrogante, achava que um elogio dele deveria valer grande coisa.
- E então, o que você acha de hoje à noite?
- Hoje à noite o que?
Me fiz de desentendida e continuei a esfregar as mãos, Ricardo recostou na parede ao lado tentando parecer sedutor... coitado!
- Infelizmente não vou poder, tenho que... ajudar Adriana com suas malas.
- Humm, ela vai viajar? Vai ficar sozinha então?
Ele ergueu as sobrancelhas inconvenientemente.
- Ah não, eu vou com ela.
Ele fez um beicinho nada atraente em um homem adulto.
- Fica pra próxima então!
Ele saiu para o corredor indo em direção a seu consultório. Bufei indo para o meu.
Adriana estava lá, refestelada em minha cadeira, sentei na maca me jogando para trás.
- Muito difícil?
- Nem me fale.
Ela pegou o celular e me encarou sorrindo.
- E então, preparada para o fim de semana ou você tem outros planos?
- Se dependesse do Ricardo eu teria mesmo.
Revirei os olhos achando graça, Adriana riu alto e após seu bip apitar, ela foi em direção à porta.

- O Marcelo vai nos buscar na sexta às oito da noite. Ele tem um jatinho.
Ela disse essa última frase erguendo uma sobrancelha, fiquei sem fala. Parece que desta vez pelo menos ela encontrou alguém que ganhava mais do que ela.
Na sexta eu não estava de plantão, dormi quase até o meio dia, acordei apenas com o som da música do vizinho que decidiu ouvir um daqueles fanks bem pesados. Arrastei-me até o banheiro necessitando de um banho quente para acordar.
Com o cabelo ainda enrolado em uma toalha sentei na bancada da cozinha para beber um capuccino tinindo que acabava de sair da cafeteira. Apanhei o jornal de cima da mesa e li os quadrinhos enquanto assistia meu almoço girar dentro do microondas. Não sei o que eu faria sem essas modernidades, eu jamais teria tempo de comer comida de verdade se não fosse o microondas, provavelmente viveria de fast food.
Já eram seis horas quando eu e Adriana estávamos sentadas, em nossa sala com as bagagens encostadas a porta, pra falar a verdade eu não estava muito animada, mas...
O jatinho de Marcelo era uma maravilha, nem parecia que estávamos voando. Às dez horas, já da noite estávamos aterrissando no aeroporto de Porto Alegre. A fazenda da família de Marcelo ficava a umas quatro horas mais ou menos da capital. A casa ficava a quase dois quilômetros da estrada principal, estava muito escuro pelo caminho não dando para enxergar nada.
Um casal de meia idade muito simpático nos aguardava na porta principal, do interior da casa vinha um delicioso aroma. A mulher, de formas robustas e sorriso simpático abraçou Marcelo como uma mãe amorosa.
- Meu pequeno Marcelinho, não deve ficar tanto tempo assim sem aparecer.
- Estou aqui agora Nana.
Marcelo virou seu olhar que logo se tornou doce para Adriana, que quase derreteu no tapete de entrada.
- Deixe que eu apresente minha namorada, Adriana.
Ela piscou com o rosto corado a menção da palavra “namorada". Onde estava minha amiga e o que aquela estranha fazia no lugar dela?!
Logo em seguida Marcelo apresentou a mim que tive o mesmo tratamento amoroso de Marcelo e Adriana, isso me trouxe um nó à garganta. Família sempre mexia Com minhas memórias.
A casa era muito bonita e aconchegante, a sala com imensas vigas de madeira expostas no teto e a lareira enorme bem no meio do ambiente reforçava ainda mais essa impressão, ainda mais com o fogo crepitando nela.
Adriana sorria de orelha a orelha olhando ao redor, sorri chegando à conclusão de que dessa vez minha amiga havia acertado... mandou bem Adri!

- Então nosso menino chegou?
De dentro da casa, veio à voz de trovão de um senhor que vinha fungando pelo corredor. Ele tinha uma barba Branca e uma barriga proeminente, lembrava muito o papai Noel.
- Tio Gomes!
O velho abraçou Marcelo, dando dois tapas fortes nas costas do pobre rapaz. Ele olhou para mim e para Adriana erguendo as sobrancelhas brincalhão.
- Então, qual das duas prendas é a tua, meu rapaz?
Adriana e eu demos risadinhas enquanto Marcelo vinha para o lado de sua namorada.
- Essa linda “prenda" de ébano aqui!
- Venha cá minha criança!
O Homem com cara de papai Noel puxou Adriana em um abraço de urso e logo em seguida foi a minha vez de ter o mesmo tratamento.
Nana nos levou ao andar de cima para os nossos quartos, seria bom trocar de roupa antes do jantar, pelo cheiro maravilhoso deveria ser um banquete.
Adriana ficou no quarto em frente ao meu que eu imaginei ser o de Marcelo. O meu próprio quarto era muito bonito e lembrava um filme antigo. A cama estava coberta com grossos cobertores de lã, havia um aquecedor de baixo da janela e no chão em frente à porta do banheiro havia um tapete peludo que lembrava um animal morto. Sorri abrindo minha mala sobre a cama... acho que esse fim de semana no sul iria me fazer muito bem!
O jantar realmente foi algo típico de uma fazenda. Arroz, feijão, frango com molho, milho cozido e saladas variadas. Acho que dois dias nesse lugar iriam me fazer ganhar uns dez quilos.
A conversa em torno da mesa era animada e hora ou outra remetiam à infância de Marcelo, ele ficava vermelho diante da variedade de histórias compartilhadas conosco. Perguntei pela Fazenda e seus arredores, gostaria muito de conhecer melhor a região.
- Ah esse lugar é muito bonito meu anjo, amanhã podes conhecer toda a região. Só não vá para a mata atrás das cocheiras menina.
- Por que não?
Fiquei curiosa imediatamente, Nana e tio Gomes trocaram um olhar estranho, enquanto Marcelo soltava uma gargalhada.
- Continua a mesma velha supersticiosa, não é Nana?
- Não é superstição, e não me chame de velha. Todo mundo pra estas bandas de cá sabem que a Lagoa é enfeitiçada.
Adriana e eu trocamos um olhar intrigado, eu sabia que o sul era cheio de lendas, mas não a ponto de acreditarem em lagoas mágicas. Marcelo tornou a rir e após morder uma coxa de frango respondeu.

- A Lagoa não tem nada de magica, eu mesmo nadei muito lá durante minha infância e adolescência. Nunca vi nada de mais por lá.
- É verdade que várias crianças nadavam por lá e nada sobrenatural aconteceu, mas tu sabes muito bem das histórias meu menino. Lembra-te da maluca do lago?
- Aquela coitada era uma doente, Tio Gomes.
- Só uma curiosidade... quem é a maluca do lago?
Adriana quis saber colocando os cotovelos sobre a mesa, Marcelo revirou os olhos, já devendo conhecer aquela história de trás pra frente. Nana tomou fôlego analisando sua platéia.
- Essa mulher morava em um casebre na beira da Lagoa mágica, mas nem sempre foi uma maluca não. Ela trabalhava em uma das casas aqui das cercanias e em uma manhã foi lavar roupas na Lagoa e... desapareceu.
Senti os pelos da minha nuca arrepiarem, a história podia ser bem bizarra, mas a forma como Nana contava parecia bem verídica. Sabrina chegou mais perto de Marcelo inconscientemente.
- E ela nunca mais voltou?
Nana olhou ao redor da mesa, e só quando viu que todos a encaravam em expectativa é que continuou.
- Ah sim ela voltou, cinco anos depois! Mas ela não era mais a mesma, dizia coisas sem sentido, que haviam matado ele, que seu filho ficou lá.
- Lá onde?
Foi minha vez de perguntar, Tio Gomes foi quem respondeu terminando a história da mulher.
- Ninguém sabe, mas ela nunca mais foi a mesma. Ela morreu coitada, há alguns anos, sempre sentada à beira da Lagoa, foi lá que encontraram seu corpo.
Marcelo deixou cair um copo dando um tremendo susto em mim e em Adriana, Tio Gomes riu, sua risada de trovão, e todos passamos a assuntos mais amenos.
Foi uma noite extremamente gelada, realmente essa época do ano fazia muito frio nessa região. Acordei ainda era cedo demais, tomei um banho bem quente e procurei por minhas roupas mais pesadas. Vesti um suéter cor se rosa, calca jeans e botas estilo coturno. Coloquei uma garrafinha de água em minha mochila, minha necessaire com meus produtos mais básicos, um casaco extra e quando passasse pela cozinha iria pegar alguma coisa para um lanche no meio do caminho.
Encontrei Nana logo na entrada da casa, ela vinha com uma cesta cheia de ovos vermelhos e graúdos.
- Vou fazer uma expedição pela mata local.

A mulher franziu o cenho olhando para minha mochila pendurada as minhas costas.
- A guria não tá pensando em ir pras bandas da Lagoa, tá?
Fiz minha melhor cara de Santa e afirmei veementemente que não. Ela me analisou por mais alguns segundos e acho que decidiu que eu estava sendo sincera. Caminhei na direção do galinheiro até ter certeza de que Nana já estava fora de vista e então mudei de curso indo na direção das cocheiras.
A mata começava logo que as cocheiras terminavam, o caminho estava coberto de ramagens rasteiras, samambaias enormes, tudo muito molhado da geada noturna. Passeio por árvores gigantes e tropecei várias vezes em pedras escondidas pela vegetação. Caminhei por vários quilômetros até chegar a uma cortina de vegetação fechada, abri caminho machucando minha mão no processo, ao conseguir passagem fui transportada para uma campina aberta onde uma enorme lagoa de água escura dominava o ambiente. Sorri, eu havia conseguido encontrar a tal Lagoa mágica. Quem sabe um mergulhinho me faria ficar milionária ou então encontrar meu príncipe encantado?!
Andei até mais perto da Lagoa, mas o terreno era um pouco íngreme e estava lamacento pela noite gelada, tentei colocar meu pé em uma pedra saliente, mas de repente tudo aconteceu muito rápido. Meu pé escorregou no limo verde da pedra, instantaneamente rolei ribanceira abaixo, meus dedos ainda tentaram inutilmente agarrar um galho que se projetava de uma árvore enorme na margem, mas foi inútil, mergulhei com tudo na água escura e gelada da Lagoa mágica.

Capitulo 2

O gelo me atingiu primeiro, eram como mil facas furando meu corpo todo, haviam galhos submersos também, várias mãos e dedos que me agarrava por todos os lados, tentei gritar, mas minha voz não saía, minha garganta era inundada de água gelada impedindo meu pedido de socorro. No meio do caos, comecei a ouvir sons, indistinto no começo, mas que foram ganhando força cada vez que eu afundava mais, eram vozes, tiros, gritos e então o silêncio total... eu estava morta então.

Abri os olhos desorientada, pisquei algumas vezes sentindo a garoa fina atingir meu rosto como pequenos bisturis afiados, eu tinha certeza absoluta que havia mergulhado na água gelada do lago, mas agora eu me encontrava deitada de costas na lama fofa e úmida da margem. Pisquei tentando me orientar, como eu havia saído da água? Pensei ter ouvido vozes, ergui a cabeça sentindo como se pesasse uma tonelada. Fique de joelhos sendo puxada pelo peso molhado da minha mochila. Mais uma prova de que eu havia mesmo mergulhado na água.

Arrastei-me, sem forças, pela lama tentando saber de onde vinham as vozes, ate que eu os vi. Eram cinco ou seis, eles vinham conversando entre si em tons exaltados.

- Tenho certeza de que o vi vindo por esse lado, rebelde sujo.

Esfreguei os olhos imaginando se meu cérebro havia sofrido algum dano na queda, toquei minha cabeça, além de estar com os cabelos molhados, não havia sinal de sangue ou concussão. Ergui dois dedos na frente do meu rosto e vi exatamente dois dedos, então nada de concussão. Os homens que eu via conversando a poucos metros de mim vestiam algum tipo de uniforme antigo, eram militares sem dúvida. Suas vestimentas eram cinza, e havia dragonas douradas penduradas nos ombros. As espadas presas em suas cinturas eram antigas, mas reluziam de nova, como isso era possível? Apoiei minhas duas mãos na lama tentando ficar em pé e chamar a atenção daqueles... homens, mas de repente senti uma mão grande e calejada tapar minha boca, silenciando meu grito eminente. Meus olhos reviraram para ambos os lados tentando enxergar meu captor, tentei me soltar, mas o homem atrás de mim, pois pelo cheiro e força só podia ser um homem, era praticamente uma muralha, ele aproximou a boca quase colando-a ao meu ouvido.

- Fique quieta!

Ele nos abaixou até estarmos colados ao solo, seu corpo maciço esmagava-

me ao chão me causando falta de ar. Consegui um mínimo de espaço e cravei os dentes com toda força na mão que ainda me restringia, apenas registrei que estava com gosto de sal quando o homem gritou atrás de mim. Seu grito chamou a atenção do grupo de soldadinhos de chumbo que viraram na nossa direção, e então a coisa mais absurda aconteceu... eles começaram a atirar em nós. Os sons não eram nada comparados a projétil de pistolas era mais como pequenas explosões espaçadas, elas atingiram varias plantas e arbustos ao nosso redor. O homem que havia me capturado começou a correr para o meio das arvores me arrastando com ele, eu via apenas um borrão de verde de todos os tons passando diante dos meus olhos, tamanha era a sua velocidade. Tentei me agarrar a alguma coisa, mas foi inútil, ele só foi diminuir quando já não se podia mais ouvir sons de perseguição. Percebi que eu já não sabia mais onde estava.

Parei colocando ambas as mãos nos joelhos para tomar folego, ouvi que o homem também puxava o ar com dificuldade. Levantei a cabeça e dei de cara com uma montanha me analisando desconfiado. Ele era pelo menos uns trinta centímetros mais alto de que eu, e muito forte, tinha cabelos negros que chegavam até o colarinho da camisa imunda, sua barba era densa e negra como os cabelos. Ele vestia uma camisa branca que já havia visto dias melhores e uma calça daquelas que os gaúchos usam em festas tradicionalistas da região, bombachas, e botas é claro completavam o figurino bizarro. Ele retirou o lenço imundo e vermelho do pescoço e passou no rosto suado. Ambos estávamos suados apesar do frio congelante.

- Pode me dizer, que diabos está acontecendo?

O homem me encarou espantado, seus olhos eram tão negros que não se podia nem sequer enxergar a pupila. Coloquei as mãos na cintura exigindo uma explicação pela cena dantesca de antes.

- Eu preciso ir moça.

Ele virou na direção das arvores, mas pulei pra frente agarrando seu braço. Ele era mais musculoso do que eu poderia supor.

- Olha, eu não sei onde estou, eu caí na água e aí então eu não estava mais na água e aí eu vi os soldadinhos de chumbo e você prendeu minha boca e agora eu não faço a mínima ideia de como eu volto pra fazenda do Marcelo.

Acabei meu discurso meio sem folego e puxei uma grande lufada de ar. O homem me encarava com as sobrancelhas unidas.

- O que tu fazias no meio do mato, china, não sabes que estas bandas estão minadas de caramurus?

Tá legal, eu não havia entendido metade do que ele havia dito, e ele acabou me chamar do que?

- Olha só, eu saí pra conhecer a região e aí...

- Mas só podes ser doida, passear?
Ele olhou em volta aturdido, realmente, olhando a paisagem não era muito convidativa para um passeio. Pisquei não querendo me distrair da questão principal.
- Você me tirou do caminho agora vai ter que me levar de volta.
Ele já estava se embrenhando na mata quando saltei pra frente tentando agarrar seu braço, errei a mira e acabei agarrando sua calça. Ele olhou da minha mão para o meu rosto, se não me engano por baixo de toda aquela cabeleira ele estava meio corado.
- Você não pode me deixar aqui sozinha.
Devo ter feito uma cara muito convincente, pois ele bufou jogando as mãos para o alto.
- Que seja!
Ele deu alguns passos no meio da mata e soltou um longo assovio, do meio das arvores surgiu um enorme cavalo preto. Recuei alguns passos para trás, de onde esse monstro havia surgido?!
- Meu camarada, pinguaço velho!
Ele deu tapinhas no pescoço do animal, deveriam ser amigos. Até que eram parecidos. Dei uma risadinha. O homem olhou para trás com uma sobrancelha grossa erguida na minha direção. Então seus olhos negros desceram pela primeira vez pelo meu corpo, vi suas pupilas negras crescerem e ficarem do tamanho de dois pires, ele abriu e fechou a boca como um peixe.
- Mas que diabos de vestimenta é essa china, nunca vi nada igual, ainda mais em uma mulher.
Olhei pra baixo, para me certificar de que não havia perdido nenhuma peça de roupa pelo caminho. Não, eu continuava do mesmo jeito que sai de casa naquela manhã, mais suja e molhada, mas ainda vestida.
- Eu estou muito bem vestida fique o senhor sabendo, pelo menos não estou quase em farrapos.
Ele riu, não sei o que foi que eu disse de tão engraçado. O homem balançou a cabeça ajeitando a cela de seu cavalo. O bicho estava com algumas bolsas penduradas ao lado do corpo. O cara virou novamente na minha direção esticando sua mão grande pra mim.
- Vai ou fica?
Olhei ao redor, que outra opção eu tinha? Dei dois passos hesitantes até o animal. Ele era bem maior de perto do que parecia. O homem bufou ao meu lado.
- Anda, me de o pé.
Ele revirou os olhos quando coloquei meu pé direito em suas mãos em

concha.
- O esquerdo.
Troquei de pé e fui lançada sobre o lombo do cavalo, ele teve de firmar minhas pernas ou do contrario eu teria caído do outro lado do bicho enorme. O cara balançou a cabeça e montou sem muito esforço e ainda com muita elegância. Isso não era nem um pouco justo. Ele estalou os lábios e incitou o cavalo a um trote lento. Após alguns minutos em silêncio ele falou.
- Então, China...
- Julia, eu me chamo Julia.
Ele ficou em silêncio por alguns segundos, então tornou a falar. Sua voz era grossa e levemente rouca.
- Julia! Sou Pedro.
- Encantada!
Ele deve ter notado meu sarcasmo, pois deu uma risadinha abafada. Olhou pra ambos os lados antes de prosseguir seu caminho.
- De onde mesmo disse que vinha?
Ele tinha um sotaque do sul extremamente carregado, mas apesar da aparência não parecia ser ignorante.
- Da Fazenda do namorado da minha melhor amiga, Adriana. A fazenda na verdade é dos pais do Marcelo e ele não vinha há séculos pro Sul.
- Humm. E de onde exatamente tu és?
- Do Rio.
- Rio, que Rio?
- Ué, Rio de Janeiro.
- Só podias mesmo vir da corte.
Oiii, corte?
- Não entendi, corte?
- Sim, sim, sei que agora quem comanda é um regente, mas mesmo assim ainda é a corte certo?!
Senti um frio sem explicações climáticas, apesar de estar mesmo gelado, subir por minhas costas e se alojar em meu cérebro. A historia contada por Nana sobre a maluca da Lagoa, as roupas dos carinhas no meio do mato, o próprio homem a minhas costas de aparência tão rude e dizendo essas coisas sem sentindo... tudo isso inundou minha cabeça me levando a conclusões nem um pouco logicas. Engoli em seco me preparando para pergunta de um milhão de dólares.
- Pedro... Hum... que dia é hoje?
Pedro hesitou por um momento, na certa imaginado se eu não havia batido com a cabeça em algum momento da manhã para não saber nem ao menos que dia era hoje.

- Cinco de Setembro.
Ta legal, o dia estava correto, mas...
- De que ano, cinco de setembro de que ano?
Ele me encarou confuso, porem respondeu minha pergunta amalucada.
- De 1836, até onde sei.
É, definitivamente não estávamos mais no Cansas totó.

Estávamos naquele trote lento já algumas horas, a garoa fina continuava a açoitar meu rosto como pequenas pedrinhas de gelo. Eu tremia e meus dentes estavam batendo uns contra os outros. Pedro se remexeu atrás de mim, fazendo a cela oscilar perigosamente.
- O que você está fazendo, vamos cair desse jeito.
- Calma, estou tentando passar meu pala para os teus ombros, teus dentes não chegam inteiros desse jeito.
Ele envolveu uma coisa pesada de lã com cheiro de cachorro molhado por cima dos meus ombros, não era a coisa mais agradável do mundo, mas pelo menos meu sangue voltou a circular depois de um tempo.
- Então, você está indo pra onde?
Eu realmente precisava saber, o que eu me lembrava de história, e mais propriamente da história do Rio Grande do Sul, é que eles estavam no meio da revolução farroupilha, por tanto eu precisava saber onde estava para poder voltar o mais rápido possível para...O meu tempo. Que loucura isso!!
- Estou indo me juntar aos homens de Neto. Tive de me apartar deles por uns dias porque precisava ver minhas irmãs.
Pensei naquilo, Neto, General Neto então. Olhei em volta vendo apenas arvores e mais árvores.
- E onde seria isso exatamente?
Pedro ficou em silêncio por alguns instantes, no mínimo tentando descobrir se eu não era algum tipo de espiã do lado inimigo. Deve ter chegado à conclusão de que eu era inofensiva, pois respondeu após alguns minutos.
- Estamos acampados na mata próximo ao arroio Seival.
O nome não me dizia nada, também eu nunca fui muito ligada em historia, sabia o básico do que aprendemos na escola. A revolução farroupilha durou, ou melhor, vai durar, por dez anos sendo que os rebeldes gaúchos não saem vitoriosos. Sabia também de uma ou outra batalha, mas era só. Me aconcheguei mais dentro do pala fedorento, e acho que acabei cochilando por um tempo.

Acordei desorientada, sendo retirada de cima da cela, me debati por alguns segundos até Pedro me colocar no chão bufando em contrariedade.
- Parece mais uma onça brava Tchê.
- Por que paramos, já chegamos, onde eles estão?
Olhei ao redor a procura dos homens, a curiosidade falando mais alto que o medo.
- Não, tu falas de mais sabia?
- Humph!!
Ele começou a mexer nos alforjes, que vinham sacolejando pendurados no

cavalo, ele retirou algo lá de dentro e sorriu.
- Acho que meu estômago vai colar nas costas daqui a pouco. Preciso comer. Também ouvi o teu resmungando agora pouco.
Soltei um suspiro de alívio, eu realmente estava faminta, antes de sair da casa da Fazenda de Marcelo... quando, hoje de manhã?! Eu não havia me alimentado bem.
- Tome.
Pedro me alcançou umas tiras de aspecto muito duvidoso. Cheirei a coisa que mais parecia um pedaço de couro e franzi o nariz.
- O que diabos é isso?
Pedro me olhou de esguelha arrancando um pedaço da coisa com seus dentes.
- Charque, nunca comeu? É mais seguro de transportar porque não estraga facilmente.
- Claro que não estraga, já esta podre.
Ele franziu as sobrancelhas dando uma cafungada no seu pedaço e então olhou pra mim.
- Não está não, parece ótimo pra mim.
Larguei a tira sobre o pano encardido em que estava enrolada, suspirei e então dei um salto, lembrando-me do lanche que havia posto em minha mochila, por ser própria para trilha, a mochila era impermeável, devia estar tudo perfeitamente seco lá dentro.
Retirei a mochila das costas colocando-a entre minhas pernas, abri e soltei um suspiro de alívio. Tudo estava na mais perfeita ordem. Retirei o saquinho ziplock em que eu havia colocado a comida e o pousei sobre o meu colo.
Pedro parou no meio do ato de mastigar seu pedaço de couro podre e ficou encarando o que eu segurava, seus olhos arregalados me diziam que ele estava pra lá de intrigado.
- O que é isso?
Olhei dele para o pacote que agora eu abria avidamente. Dentro dele havia dois sanduíches de presunto embrulhados em papel alumínio, uma maça e um pacote de biscoitos recheados. Realmente para um homem do século XIX aquilo deveria mesmo parecer de outro mundo.
- Comida de verdade.
Retirei um dos embrulhos prateados do saquinho e estiquei na sua direção.
Pedro olhou desconfiado para o embrulho como se ele fosse explodir em seu rosto. Dei risada, desembrulhando o meu próprio.
- É apenas um sanduíche de presunto. Coma.
Ele desembrulhou o papel mal tocando com a ponta dos dedos, viu que se tratava apenas de pão e deu uma boa mordida, seus olhos arregalaram diante

do sabor, não sei bem em que data foi criado, mas tenho quase certeza de que não existia pão de forma em 1836.
- Isso está muito saboroso... O que disse que é?
- Um sanduíche de presunto, de onde eu venho o pão é... diferente.
- Estou vendo. E de onde mesmo vosmecê disse que vinha?
Pensei por um momento, onde seria longe o bastante para as pessoas serem tão diferentes quanto eu? Marte suponho.
- De muito longe.
Ele apenas concordou com a cabeça terminando com seu sanduíche em duas mordidas. Ele olhou para o meu colo na esperança de que houvesse mais. Peguei o pacote de biscoitos e entreguei a ele.
- Prove isso, se você gostou do pão, mal vai poder acreditar nisso aqui.
Ele girou o pacote cilíndrico nas mãos olhando de todos os ângulos, dando de ombros colocou-o na boca. Soltei uma gargalhada fazendo-o encolher na mesma hora. Eu não queria rir dele, mas aquilo realmente era muito bizarro. Peguei o pacote da sua mão e abri puxando o lacre. Pedi que ele abrisse as mãos em concha e então despejei metade do pacote nelas, elas eram enormes e facilmente caberia todo pacote nelas.
E cheirou o conteúdo de suas mãos e colocou um dos biscoitos na boca, seus olhos se fecharam por alguns segundos.
- Chocolate!!!!
Suspirei aliviada, ainda bem que ele conhecia chocolate. Não sei se estaria apta a explicar como aquilo era feito. Ele comeu mais algumas antes de olhar na minha direção.
- Não compreendo, como conseguem deixá-lo assim?
Ele ergueu um dos biscoitos com dois dedos. Dei de ombros encerrando o assunto. Pedro devorou tudo e ficou em pé batendo a terra de suas... bombachas?!
- Isso é uma bombacha, né?
Ele olhou para suas próprias calças como se as visse pela primeira vez, então de volta pra mim.
- Sim, perdi meu chiripá durante a fuga.
- Chiripá?
- Vosmecê é muito esquisita sabia?!
Olha quem fala!! Guardei o saco na minha mochila, não queria deixá-lo rolando por aí e algum dia um historiador encontrá-lo e não saber como um ziplock foi parar no século XIX.
Pedro veio me ajudar a montar em seu cavalo novamente, pisei em um amontoado de pedras torcendo um dos tornozelos e tombando pra frente, ele foi mais rápido e suas duas mãos voaram para minha cintura, me

firmando no lugar. Meu suéter havia subido um pouco o que permitiu que alguns dos seus dedos tocassem minha pele diretamente. Senti um arrepiou percorrer meu corpo e Pedro me encarou com suas pupilas dilatas. Quem diria que olhos negros poderiam der tão brilhantes?!
- Perdão!
Ele me soltou imediatamente, senti meu rosto esquentar e acabei baixando a cabeça. Fingi mexer em minhas botas que estavam perfeitamente no lugar.
- Calçados estranhos, principalmente em uma mulher.
Havia esquecido que há quase dois séculos, ainda havia muitas coisas que eram consideradas exclusivamente masculinas e femininas. Não quis me alongar muito em assuntos de moda e coloquei meu pé esquerdo em sua mão. Desta vez, consegui me equilibrar sobre a cela sem sua ajuda. Ele montou logo em seguida incitando o cavalo a seguir. O pala estava novamente em meus ombros, fiquei imaginando quanto tempo ainda haveria para chegarmos a esse tal acampamento e o que os outros iriam pensar de mim. Pedro passou um de seus braços por minha cintura apertando firme, tentei virar para trás e olhar em seu rosto.
- O que está fazendo? Se ficar me apertando desse jeito eu quebro seu nariz em duas partes. Eu fiz judô na adolescência.
Ele bufou, não ficando nem um pouco intimidado e não afrouxando seu aperto nem um mililitro.
- Apenas não quero que caia de cara no chão, não iria gostar nada de quebrar esse narizinho arrebitado. E quanto a quebrar o *meu* nariz... não duvido nada.
Me remexi mais um pouco tentando desalojar seu aperto. Ouvi o silvo de sua respiração passando por entre seus dentes apertados. Ótimo se eu o havia machucado seria bem feito.
- Será que poderia parar com esse traseiro?
Então imediatamente entendi sua respiração acelerada e o que eu sentia bem atrás de mim. Meu rosto esquentou tanto que minha carne poderia se desprender dos ossos a qualquer momento. Fiquei imóvel imediatamente. Ele soltou um longo suspiro erguendo meus fios que escapavam sobre o pescoço.
- Assim está bem melhor.
Acho que havia cochilando de novo, pois quando abri os olhos já havia escurecido. Pensei em Adriana e Marcelo, eles deveriam estar apavorados com o meu sumiço. E se eu demorasse em conseguir retornar a maldita Lagoa, meus pacientes... fui trazida de volta a realidade pela voz rouca pela falta de uso do meu companheiro de cavalgada.
- Chegamos.
Senti um arrepiou que nada tinha a ver com o clima. Eu iria conhecer mais pessoas do passado, nem todas elas podiam ser tão cordiais como Pedro.

Desmontei quase não sentindo mais minhas pernas, tive de me apoiar no braço que me era estendido. Ele sorriu compreendendo meu problema. Um garoto de uns doze anos mais ou menos apareceu para se apossar das redeas do cavalo, ele estava vestido com uma camisa grande demais para o seu corpo franzino, calças que não chegavam nem aos seus tornozelos e seus pés estavam descalços. Pedro bagunçou a cabeleira crespa do menino amigavelmente.
- Vá tratar de Tordilho sim... depois tenho algo pra vosmecê.
O menino sorriu largamente puxando as rédeas em direção ao acampamento. Olhei naquela direção. Varias barracas feitas dos mais variados tecidos se aglomeravam pela clareira, havia varias fogueiras aqui e ali e uma um pouco maior em frente a uma barraca um pouco menos... desconjuntada.
Pedro respirou fundo coçando sua barba proeminente.
- Vamos então china, explicar vosmecê para o general.
Engoli em seco, era a hora da verdade!

Capitulo 3

O general Neto, Antônio de Souza Neto, era um homem alto, não tanto quanto Pedro, mas ainda assim... Ele era moreno, possuía um enorme bigode debaixo do nariz e tinha olhos perspicazes, que nesse momento me analisavam dos pés a cabeça.
- Onde disseste que a encontrou, Pedro?
Sua voz era a de um barítono, imaginava-se pelo tamanho de seu tórax. Pedro olhou de mim para o general.
- Na mata, pras bandas de Jaguarão.
O general tornou a me analisar, aquilo já estava me cansando.
- Eu estava hospedada na casa de um amigo e sai para conhecer a região e acabei me perdendo. Foi quando os soldadinhos apareceram e...
- Soldados?!
O general virou na direção de Pedro, ele baixou os olhos para suas botas enlameadas.
- Fui perseguido quando cruzava o Rio Jaguarão, consegui engana-los, mas aí acabei tropeçando na China.
Olhei de cara feia para ele, que apenas deu um sorrisinho em resposta.
- Ela não me parece uma. Apesar das roupas.
O que tem de errado com as minhas roupas? Além de serem de quase dois séculos à frente! O general bateu suas mãos grandes, e incrivelmente bem feitas, na coxa encerrando o assunto.
- Buenas, ela fica até poder retornar de onde... saiu. Aconselho-a a se lavar e trocar de roupa. Podes fazer isso na barraca da Sueli.
Quem diabos era Sueli?! Pedro agradeceu e saiu me empurrando no caminho. Ouvimos a voz grave de Neto logo atrás.
- Mais tarde quero um relatório Pedro.
Ele acenou um sim me arrastando com ele, finquei os pés no chão para detê-lo.
- Quando vou poder voltar, quem vai me levar de volta?
- Não ouviu o que Neto disse, ele irá providenciar. Nunca vi uma mulher que perguntasse tanto. Chego a ficar tonto dos miolos.
Idiota!! Deixei-me guiar para a tal barraca. Pedro ergueu um pouco a lona grossa arrancando gritinhos de suas ocupantes. Ele baixou o tecido rapidamente e desviou o olhar. Uma mulher encorpada saiu debaixo da lona sorrindo.
- Não te acanhes meu pequeno Pedro, não há nada que já não tenha posto os

olhos, hem!!!!
Vi com surpresa aquele homem enorme corar e soltei uma risadinha. A mulher virou na minha direção arregalando os olhos escuros.
- Madre de Dios, uma mulher de calças!
Sua voz alterada chamou a atenção de mais duas jovens que estavam dentro da barraca. Uma delas era pequena, menor ainda do que eu, e olha que eu tinha apenas um e sessenta e cinco de altura. Ela tinha os cabelos cacheados e louros, a outra era um pouco mais alta, mas também muito magra, seus cabelos estavam presos em um lenço não me deixando ver sua cor. Elas me olharam dos pés a cabeça. Será que ninguém nunca ensinou que era feio encarar as pessoas?
- O general a mandou para cá.
Pedro deu de ombros deixando claro que Ele nada tinha a ver com isso. A grandalhona, que deduzi ser a tal de Sueli me pegou pela mão me puxando para o lado de dentro, ainda dei uma olhadinha para Pedro que já se afastava. A barraca era muito maior por dentro do que eu podia supor. Havia três camas de campanha, alguns baús, uma bancada onde havia uma bacia, canecas tudo misturados com potes de cerâmicas e escovas de cabelo.
- Tu precisas de um banho, guapa.
Dei uma cheirada em meu ombro e ela estava certa. Aquele cheiro de cachorro do pala de Pedro me deixou com um aroma nada agradável. Sorri dando de ombros. Sueli balançou a cabeça levando a mão a minha mochila.
- O que tem no seu alforje, roupas, combinação...
Puxei a mochila de encontro ao peito. Sueli ergueu uma sobrancelha me encarando.
- Eu não tenho roupas, apenas estas.
Fiz um gesto para minhas próprias roupas. A mulher bufou e foi revirar um dos baús. Voltou de lá com os braços cheios de tecido na cor amarela. Arregalei os olhos para a montanha.
- Eu só preciso de um vestido, dona Sueli.
As moças que me analisavam grudadas a um dos lados da barraca deram risadinhas divertidas. Sueli me encarava como seu eu fosse doida. Não tenho tanta certeza de que ela não estava certa.
- Aqui tem só um vestido.
Minha nossa, como se fazia para entrar dentro dele? Sueli largou o amontoado sobre uma das camas e colocou as mãos na cintura roliça.
- O que está esperando, tire a roupa enquanto Beth vai buscar a água.
Olhei ao redor, era óbvio que não haveria um banheiro e muito menos um chuveiro em uma barraca. Apertei meu suéter contra o corpo.
- Vou ter que tomar banho aqui?